

Ano 12, Vol XXII, Número 1, Jan-Jun, 2019, p. 366-375.

**LITERATURA E HISTÓRIA:
UMA LEITURA DA REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA DO PROJETO
FORDLÂNDIA**

Fernando Jorge dos Santos Farias

Silvia Tambara de Camargo

RESUMO

A comunicação tem por objetivo apresentar uma leitura das questões circundantes ao projeto Fordlândia (projeto agroindustrial de cultivo da borracha, implantado pela Companhia Ford na Amazônia), ilustrado no romance *Velas na Tapera*, do escritor paraense Carlos Correia Santos. Para isso, a investigação seguiu um traçado metodológico marcado pela abordagem comparativa, buscando promover diálogo entre determinados estudos histórico-políticos que se voltam a conjuntura amazônica entre os anos 20 e 40 (do século XX), e a ficção literária, entendida como fonte para o registro da história. Posto isso, tornou-se fundamental para a análise os estudos de Creso Coimbra (1981), Wolfgang Iser (1996), Edilza Fontes (2002), Antonio Candido (2006), Nazaré Sarges (2002) e outros. Dentre as conclusões que emergiram, destaca-se o valor expressivo do material literário para o registro da história na Amazônia. Tanto os personagens quanto o enredo, construídos no romance, correspondem a um momento de derrocada não somente da economia e comércio do látex, cultivado na Amazônia, mas a derruição de valores morais e existenciais, sobretudo da população nativa. Na figura da personagem Rita Flor, por exemplo, o autor tipifica um estandarte vivo do próprio projeto Fordlândia. Através das inúmeras perdas dessa personagem, temos a síntese do abandono e “subtração de vida e esperança” dos moradores/trabalhadores (em geral), de Fordlândia, dado o abandono do projeto, por seu idealizador. Em meio as suas dores (dores essa sua e de um coletivo desencantado com a decadência de Fordlândia), Rita Flor, como tantos outros personagens (do romance e da “história real”), se refugia no momento esplendoroso do projeto, momento esse marcado pelo fugaz prazer de vida tranquila, próspera, de “dias melhores” para a população local.

Palavras-chave: Fordlândia . Amazônia . Fontes Históricas . Velas na Tapera.

ABSTRACT

The communication aims to present a reading of the issues surrounding Fordland project (agroindustry rubber cultivation project, implemented by the Ford Company in Amazonia), illustrated in the novel *Velas na Tapera* by Carlos Correia Santos. For this, the research followed a methodological trajectory marked by the comparative approach, seeking to promote dialogue between certain historical-political studies that turn to the Amazonian conjuncture between the 20s and 40s (of the 20th century), and literary fiction, understood as a source for the record of history. Thus, the studies of Creso Coimbra (1981), Wolfgang Iser (1996), Edilza Fontes (2002), Antonio Candido (2006), Nazaré Sarges (2002) and others have become fundamental for the analysis. Among the

conclusions that emerged, we highlight the expressive value of literary material for the record of history in the Amazon. Both the characters and the plot, constructed in the novel, correspond to a moment of overthrow not only of the latex economy and trade, cultivated in the Amazon, but also the depletion of moral and existential values, especially of the native population. In the figure of the character Rita Flor, for example, the author typifies a living standard of Fordland project itself. Through the countless losses of this character, we have the synthesis of the abandonment and "subtraction of life and hope" of the inhabitants / workers (in general), Fordland, given the abandonment of the project, by its idealizer. Amidst her pains (her pains and a collective disenchantment with the decadence of Fordlândia), Rita Flor, like so many other characters (of romance and "real history"), takes refuge in the splendid moment of the project, by the fleeting pleasure of quiet, prosperous life, of "better days" for the local population.

Keywords: Fordlândia . Amazon . Historical Sources . Velas na Tapera.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Dentre os projetos implantados na região amazônica com possibilidades de insucesso destaco o projeto Fordlândia, iniciativa esta que data de 1928 a 1946. Esta iniciativa de desenvolvimento foi idealizada pelo americano Henry Ford, instalado na região Oeste do Pará, tal projeto foi ilustrado de forma romaneada em “Velas na Tapera”, do escritor paraense Carlos Correia Santos.

No romance, *Velas na Tapera* a personagem principal dramaticamente trabalhada por Carlos Correa Santos é Rita Flor, uma mulher que com seu vestido preto, transforma-se em uma espécie de estandarte vivo do sofrimento e da desesperança, que vê seus sonhos, sua alegria de viver serem enterrados junto com o projeto Fordlândia.

Rita de certa forma representa o que ocorreu com o projeto, tendo em vista que o enterro que faz retrata não apenas o de sua filha, pois, nas entrelinhas equivale ao verdadeiro e definitivo funeral que trata a obra sendo projeto norte-americano que se instaurou em plena floresta e que a princípio tornou-se esperança para uma comunidade inteira, que mora em uma floresta que guarda tantos segredos e riquezas a serem descobertas.

Atualmente, nota-se a implantação de novos projetos na Amazônia, como exemplo temos a construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, no Rio Xingu. No passado não foi diferente. Hoje, há projetos de Hidrelétricas. Ontem, havia projetos de seringueiras, como o Fordlândia.

Mas como os estudos para realização do projeto não foram adequados e muito menos suficientes, o que ocorre infelizmente ainda hoje com os projetos a serem realizados na Amazônia, com o passar do tempo e a plantação já realizada começaram a surgir os problemas como descreve Sena (2008, s/p):

Além do clima com umidade relativa do ar elevada, que favorecia o ataque do inimigo número um da seringueira na Amazônia, o "Mal das Folhas", doença causada pelo fungo *Microcyclus ulei*, até então desconhecido dos americanos de Fordlândia que por isso não estavam preparados para combatê-lo (SENA, 2008, s/p).

Como não conseguiram vencer os males ocorridos nos seringais os investidores desistiram e abandonaram o projeto; como é representado o projeto Fordlândia no romance "Velas na Tapera" de Carlos Correia Santos; Compreender a configuração sócio-política da Amazônia paraense entre a segunda metade dos anos 20 até o final dos anos 40.

1. AMBIENTAÇÃO HISTÓRICA

Após conseguir a posse da terra alguns concessionários resolveram vendê-las. Essas vendas eram realizadas principalmente para "firmas estrangeiras, homens do governo e especuladores internacionais" (COIMBRA, 1981, p.127). Foi o caso das terras do Tapajós, onde, Henri Ford I conseguiu as terras para implantar seu projeto de plantar seringueira em escala em plena selva amazônica.

As terras compradas por Ford I foram às terras cedidas pelo governador do Estado "generosamente a Jorge Dumont Villares, que se associou a M. W. Greite, ex-capitão do Exército inglês, e a Crespo de Castro, então Prefeito de Belém, correligionário e amigo do governador" (COIMBRA, 1981, p. 127), essa negociação foi publicada por toda imprensa da época e se caracterizou em mais escândalo no governo de Bentes.

Com a posse da área que Villares "tinha obtido gratuitamente do governo paraense a concessão dessa área de um milhão de hectares, e comercializado em seguida com Ford por 125 mil dólares". (SENA 2008, s/p.). Ford constrói a cidade de Fordlândia e começa seu primeiro plantio de seringueira na Amazônia.

Ford tinha a intenção de usar Fordlândia para abastecer sua empresa de látex necessário a confecção de pneus para seus automóveis, então dependentes da

borracha produzida na Malásia, na época colônia britânica. Os termos da concessão isentavam a Companhia Ford do pagamento de qualquer taxa de exportação de borracha, latex, pele, couro, petróleo, sementes, madeira ou qualquer outro bem produzido na gleba. As negociações foram conduzidas pelo brasileiro Jorge Dumont Villares, representante do governador Dionísio Bentes, que visitou Henry Ford nos EUA. Os representantes da Ford, para receber a área, foram O. Z. Ide e W. L. Reeves Blakeley (FORDLÂNDIA..., 2010).

2. RITA FLOR (DERRUIÇÃO DO SER)

A personagem principal do romance de Santos (2009) é Rita Flor (pessoa que sobressai entre as outras) que com seu vestido preto, pés descalços. Carrega em si um luto que não é só seu mais sim de tudo que está a sua volta. Esta personagem perde a filha Saninha sua única esperança de continuar a vida após a perda do marido. Vê assim sua esperança e seus sonhos enterrados em meio àquela selva que por tanto tempo simbolizou o tão esperado e desejado “progresso” de uma região que agora se via em lenta e constante destruição.

Rita Flor a andar e andar devagar. Pés descalços. A barra de seu mudo vestido preto arrastando as folhas mortas no chão. O seringal a sua volta... Em volta a morte do látex. Não mais lágrimas brancas de látex. O sol nascendo tímido. Um dia nebuloso seria aquele... (SANTOS, 2009. p.47).

A mãe viúva-órfã é tida no romance como uma metáfora do próprio projeto de beneficiamento da borracha que vê aos poucos todas as chances de prosperidade se perder em meio às desilusões de uma floresta desconhecida. Floresta na qual as seringueiras plantadas por Ford não choram mais o tão cobiçado látex, que se torna uma única lagrima petrificada, que insiste em não cair.

A vela. Acesa. Nas mãos de Rita Flor... A vela. Ardendo. A parafina quente escorrendo por seus dedos. Mas ela? Petrificada. Uma lágrima única vinha brotando num de seus olhos. Lágrima sorradeira, surgida como que apenas interessada em observar aquela cena quase sépia. O som liso da pá cavando a terra era a sinfonia do momento. Terêncio abria a cova qual abrisse em si mesmo um buraco. Vira aquela menina nascer. Agora ajudava a enterrá-la. Há coisas na vida que escrevem eterna angústia no peito (SANTOS, 2009, p.20).

Assim, abandonados sentiam-se os moradores de Fordlândia, que viram o projeto brotar em meio à selva amazônica e pouco tempo depois veem o sonho de Ford “naufragar no mar de folhas de todos os verdes”.

No romance Rita assiste a tudo que mais amava morrer, primeiro o marido Duncan, depois a filha Saninha que é sepultada às margens do tapajós. Para Louzeiro (Apud SANTOS 2009). “o enterro que Rita faz da filha equivale, nas entrelinhas, ao verdadeiro e definitivo funeral (ou pá de cal?...) do projeto norte-americano que se tornou esperança de vida para uma comunidade inteira, na floresta que guarda tanto viço e riquezas a serem descobertas”. Nesse sentido a dor que Rita sente é de certa forma compartilhada com todos que ainda permanecem em Fordlândia.

A mãe viúva-órfã simboliza o luto dos habitantes de uma região que assistem a um grande e maravilhoso sonho se transformar em um interminável e assustador pesadelo. Saudosa e sem ter mais a quem recorrer faz um resgate do passado, de sua vida e do projeto,

Por fim, iniciou o resgate que decidira dar a si mesma. Num mover-se quase imaginário, entrou na abandonada serraria. Primeiro aquilo. Naturalmente aquilo: o vazio de um interior estagnado. Caminhou, caminhou. Passou pelos restos de maquinário. Deslizou a ponta dos dedos por equipamentos inertes, a um triz da ferrugem. Esquivou-se languidamente de sobras de vigas e restos de tábuas. Caminhou e caminhou pelo mudo presente de um rico passado... O passado... Um longo migrar de ar pelas narinas... O passado (SANTOS, 2009 p. 86-87).

3. PROSTÍBULO

A prostituição existe no mundo desde os primórdios da humanidade, está presente também na Amazônia, onde “sempre andou paralela aos ciclos econômicos locais, uma vez que esteve durante muito tempo com sua economia ligada mais a Europa do que com o Brasil”, (PEREIRA, 2009); por ter sua economia vinculada à exportação por um longo período a região “foi palco de seguidos momentos de exploração e povoamento pautado na ocupação e permanência através do sonho do *el dourado* da riqueza, do trabalho farto e da terra livre”, povoamento que ocorreu em diversos momento um deles foi durante o período do primeiro ciclo da borracha que trouxe grandes investimentos estrangeiros para a região como os grandes projetos aqui representados pelo projeto Fordlândia e que como todos tem a prostituição como presença constante (PEREIRA, 2009).

No romance Santos (2009) trabalha a questão da prostituição com figura da personagem conhecida como “Velha Carmem”, é a dona do bordel que se instalou nos arredores de Fordlândia, pois era terminantemente proibida a entrada de qualquer tipo de distração para os trabalhadores do projeto. Todos os negócios que funcionavam

na cidade eram rigorosamente fiscalizados pela Companhia; era proibida a entrada de qualquer tipo de bebida alcoólica. Todas as atenções eram voltadas para que os trabalhadores se preocupassem apenas com o trabalho. Mesmo assim, quase que secretamente instalado ali o popular recinto de “prazeres da carne” sob a chefia de Carmem:

Era para além da desertas e melancólicas instalações da antiga serraria... Era no depois daquele acolá que ficava a forja de paredes, portas e janelas que atendia pela alcinha de Casa da Velha Carmem. Lançado mata adentro, a um triz de cair no igarapé, uma palafita, o lugar não guardava traço algum do que a ilusão americana edificara no centro. Também nunca fora necessário. Nunca. Arquitetura daquele lugar era a do prazer. Apenas isso. Aquela construção nunca precisava refletir nada do que o sonho Ford semeara. Desde inaugurada, tivera sempre que ser apenas destrancado entrar. Livre entrar para a urgência de gozo dos exaustos homens do mundo que haviam transformado aquela floresta em morada. Casados ou não. Livres entrar para os nativos que boas moedas tivessem para saciar as vontades da carne. Casados ou não...(SANTOS, 2009, p. 76-7).

4. TIANA (“AMANHÃ VAI SER OUTRO DIA”)

Apesar de muita gente ter ido embora da cidade após o abandono do projeto, algumas permaneciam e nutriam a esperança de que um dia Henry Ford II, voltasse a reativar o projeto sonhado por seu avô, e tudo voltaria então a ser como antes. Tiana Thomas é a personagem do romance que não se conforma com o abandono e o descaso com que foram deixados os trabalhadores de Fordlândia e passa então a escrever cartas a Henry Ford II para que ele volte a investir no projeto, pois não se conforma em presenciar a injustiça em que foram deixados os remanescentes do projeto. Em uma das inúmeras cartas que Tiana supostamente enviou ao Senhor Henry Ford II, a moradora de Fordlândia fala dessa injustiça:

Lembre-se, senhor, da injustiça que tudo isso representa. Esta terra teve sua vida mudada por conta de vossa fábrica. Éramos apenas nativos em meio ao nada da selva. Vossa empresa nos fez acreditar que tínhamos virado um pedaço dos Estados Unidos. Tanta modernidade. Tanta promessa. Depois o abandono. Não é justo que sumam assim... (SANTOS, 2009, p. 74).

Em uma de suas cartas supostamente enviada a Henry Ford II. A mãe de Rita Flor afirma ao neto do idealizador do projeto que “a doença” está extinta e que ele pode voltar a investir em Fordlândia.

Creia-me, caro senhor Henry Ford II: a doença foi debelada. Repito: a doença foi debelada... Temos plena convicção de que os seringais não mais padecem do mal miserável que fez vosso avô desistir do projeto... Mais uma vez, eu lhe peço: reconsidere a decisão de abandonar Fordlândia... Reconsidere... – Longo suspiro – Certa de que lerá mais essa carta, aguardo um sinal de concordância. Respeitosamente... Tiana Thomas (SANTOS, 2009, p. 41).

Tiana ditava o conteúdo das cartas e sua cunhada Hannah Thomas que as escrevia em inglês para que o senhor Henry Ford II pudesse lê-las sem problema. Muitas vezes Hannah tentava fazer com que a cunhada percebesse o que só ela não queria ver; “- Quando vais consegue entender que ser inútil?... O herdeiro dos Ford não vai muda de ideia... Ele não querer mais Fordland...” Hannah tinha plena consciência que Henry Ford II nunca mais voltaria a investir em Fordlândia (SANTOS, 2009, p.42).

Após perder o marido, a neta, o genro e principalmente, a filha. Tiana tem plena consciência de que nada fez para salvar a filha e a neta, a esposa do pastor percebe que não há mais esperança, que o projeto jamais voltara a ser o que foi um dia. Fordlândia está destinada ao fracasso. Em sua última carta Tiana desabafa e culpa Ford por todo infortúnio que ocorreu a sua família e aos demais habitantes de Fordlândia.

Dedicamos nossas vidas a tudo isso, Mr. Henry Ford... Dedicamos nossas vidas... – Lágrimas de látex, pretas, escorrendo por seu rosto – Para acabar assim.

A vela acesa. As cartas brotando do chão. A menina correndo por entre as seringueiras.

O murmúrio da solitária mulher:

Eu me lembro de William pregando... Lembro dele dizendo para os trabalhadores no refeitório: Deus ilumina com bênçãos os homens que desbravam novas terras... Mas tudo se apagou... – Pranto escuro – Meu marido, minha filha, o marido da minha filha, a filha da minha filha... Somos todos almas que se apagaram... Hannah, Peter... Eu... Todos nessa vila... Somos somente almas que enlouqueceram com tanto abandono...

A menina brincando junto às seringueiras. As cartas.

O grito de Tiana:

E a culpa é sua, Mr. Henry Ford!... A culpa é sua!... (SANTOS, 2009, p. 195-196).

Com esse desabafo Tiana Thomas deixa para traz todas as esperanças de ver voltar ao que era o sonho do norte-americano que tentou plantar seringa em grande escala na Amazônia, e que teve seu apogeu e seu fracasso em menos de vinte anos, quando Ford II desistiu do sonho que já não era só de seu avô mais de toda uma comunidade instalada em plena selva amazônica.

5. CIDADE DE FORDLÂNDIA

Após o abandono do projeto muitos dos moradores de Fordlândia sem terem expectativa de continuar a vida naquela cidade, partiram em busca de melhores condições para se viver. Com isso, dia após dia, cada vez menos se via pessoas nas ruas e cada vez mais se ouvia dizer “adeus”, aos sonhos, a esperança; tudo o que se ouvia agora pelas desertas ruas de Fordlândia era o vento a “cortar” por entre a mata aquela que no auge fora uma badalada e movimentada cidade:

Agora... Nada do antes se via mais... Nada... As ruas emudecendo... O cinema apagado... Somente o baile da brisa... Fachadas cabisbaixas... Ainda estrangeiras, sempre estrangeiras, mas cabisbaixas... O mutismo se apossando daquelas salas decoradas pela distância... As salas com suas cadeiras de palha... Com suas vitrolas RCA, movidas a agulhão... Em alguma parede, o quadro com o desenho do primeiro carro fabricado por Henry Ford... Numa outra, a bandeira americana ainda pendurada... Num canto qualquer, a balança que servia para pesar a borracha... Tudo calado... Triste... Tudo alugado pelo avanço do abandono... As salas... As portas abertas para a rua sob um sol escaldante pleno... As ruas cada vez mais vazias... (SANTOS, 2009, p.125).

Em Fordlândia imperava agora apenas silêncio e solidão; suas ruas estão desertas, o que antes simbolizava prosperidade e riquezas estavam, agora, em ruínas. Nada mais funcionava. A luz que antes era elétrica, iluminando a selva do seu breu, natural apagou-se fazendo com que tudo se tornasse ainda mais escuro que o normal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura é uma fonte inesgotável de registro da História. Por isso essa área do conhecimento deve ser estudada respeitada e mantida viva para que além de tudo torne-se também um indicador cultural na medida em que esse movimento literário esteja presente também em vários países e tenha a mesma denominação, peculiarmente cada país imprime sua marca cultural nesta arte.

A história narrada por Carlos Correia Santos no romance *Velas na Tapera*, que traz em sua essência o projeto Fordlândia, e que é através dos personagens e cenário que o autor apresenta o projeto.

É na figura da personagem Rita Flor que o autor transforma em estandarte vivo do projeto que essa história se desenrola. E é através de suas perdas que Santos (2009) descreve a perda de todos os moradores de Fordlândia com o abandono do projeto por

seu idealizador. Em meio a sua dor que, apesar de não só sua, Rita Flor, faz alguns resgates do passado mostrando o auge do projeto.

Retratar esse fato histórico seria aparentemente papel da História, mais a literatura também é um importante meio de representação desses momentos marcantes na história da nossa região, o diferencial ao narrar esse período através da literatura é que pode ser trabalhado através do romance, da poesia, do conto e das mais diversas formas que a literatura nos permitir. Trabalhando o real com aspectos fictícios impostos pelo autor para manter o caráter literário do texto.

A Amazônia sempre foi vista especialmente pelos estrangeiros como uma inesgotável fonte de riquezas que “merecem” ser explorada e retirada sem se importarem como os habitantes nativos da região. São inúmeros os projetos “implantados” na selva amazônica e a grande maioria deles “afundou” no rio de folhas de quase todos os verdes da floresta, “nossa” floresta. Em se tratando de projetos realizados na Amazônia ontem tivemos uns como o Fordlândia, Transamazônica, Jari entre outros, hoje se têm Hidrelétricas, Juruti de exploração de bauxita e muitos outros.

REFERENCIAL

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9a edição revista pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

COIMBRA; C., **A revolução de 30 no Pará** – Análise Crítica e interpretação da história. Conselho estadual de Cultura, Belém, 1981 (Coleção História do Pará – série Arthur Viana).

DUBY, Georges. **A história contínua** / Georges Duby; tradução, Clóvis Marques; revisão técnica, Ronaldo Vainfas – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1993.

ISER, Wolfgang. **O Fictício e o Imaginário**. Rio de Janeiro: UERJ, 1996. p. 7-12.

JURANDIR, Dalcídio. **A Realidade Histórica no Romance**. Casa de Rui Barbosa/Instituto Dalcídio Jurandir, RJ: acervo “Dalcídio Jurandir crítico literário”, [S.I; s.d.].

LOUZEIRO, José. Personagens Emblemáticos. Prefacio. In: SANTOS, Carlos Correia, **Velas na Tapera**. Belém: [s/n], 2009.

SANTOS, Ana Maria Barbosa dos. **Breves Considerações Sobre o Uso da Literatura como Fonte na Pesquisa Historiográfica** – s/d.

SARGES, Maria de Nazaré. **Belém:** Riquezas produzindo a belle-époque (1870-1912) / Maria de Nazaré Sarges, - Belém: Paka-Tatu, 2002.

Recebido: 20/2/2019.

Aceito: 2/6/2019.

Sobre os autores e contato:

Fernando Jorge dos Santos Farias- Universidade Federal do Pará- UFPA - Doutor em Educação pela USP. Professor Efetivo da Universidade Federal do Pará, campus Altamira. Orientador da pesquisa de conclusão de curso, aqui convertida em artigo.

E-mail: ffarias@ufpa.br.

Silvia Tambara de Camargo – Universidade Federal do Pará - UFPA/UNAMA- Licenciada em Letras pela UFPA. Bacharel em Direito pela UNAMA. Orientanda da pesquisa.

E-mail: silviatambaracamargo@gmail.com.